

## **Carta de Clara e Francisco**

### **Direto do Brasil para o Encontro Mundial em Assis**

Um ponto de partida.

*Uma ponte*, como as pontes que Santa Clara de Assis desejava construir.

Direto do Brasil, em Encontro Nacional, iniciamos nossa Carta pelo significado do feminino para a mudança de paradigmas na economia. **A** Economia, substantivo feminino.

Inspirados em Clara e Francisco, expressamos o desejo por uma profunda mudança no enfoque até então estabelecido para as relações econômicas. Olhar a economia do ponto de vista puramente material e produtivista só distorceu o sentido do bem-estar social, produzindo iniquidade e infelicidade. Queremos novos paradigmas: da competição para a colaboração; da exploração para a sustentabilidade; da acumulação para a distribuição; do desequilíbrio nas relações entre pessoas e países para o comércio justo; do consumo desenfreado ao consumo responsável.

Vivemos em uma época de profundas transformações. A começar pelas mudanças climáticas. E o tempo para reverter essas mudanças está se esgotando. Daí, a necessidade da noção de emergência histórica para alcançarmos esses novos paradigmas.

A continuar com uma economia baseada no uso intensivo de carbono, caminharemos para o suicídio ecológico. *“Há que mudar essa atitude perversa”* de negacionismo sobre os efeitos das mudanças climáticas na vida do planeta, como bem aponta papa Francisco. Nossa proposta, de uma economia baseada no feminino, na acolhida, no cuidado e no afeto, pressupõe uma transição radical nas formas de produção de energia, expressão de um profundo compromisso ético com as gerações que estão por vir. Como nos alerta Francisco: *“As gerações futuras vão herdar um mundo grandemente deteriorado. Nossos filhos e netos não tem de pagar o preço da irresponsabilidade de nossa geração”*.

Pelos jovens, pelas crianças, pelo futuro dos animais e todos os seres que habitam o planeta, a Economia de Francisco só terá sentido se incorporar firmemente a decisão de manter os combustíveis fósseis no subsolo, reduzindo sua extração até serem plenamente substituídos. A natureza levou milhões de anos para transformar formas vivas em petróleo, capturando carbono e colocando-o no fundo da terra; é ilógico, e criminoso, expeli-lo em menos de duzentos anos, quase que de uma só vez, em termos de tempo geológico. Essa desfaçatez está afetando irremediavelmente o equilíbrio do planeta.

Resta apenas uma década para contermos o aquecimento global, aponta relatório da ONU, avalizado por toda a comunidade científica. Se ultrapassarmos o limite de 1,5 grau centígrado no aquecimento global, os efeitos serão catastróficos.

Já estão sendo!

As secas, as enchentes, as tormentas e os tornados.

A tenebrosa tarde que se fez noite na cidade de São Paulo.

O óleo betuminoso a tomar conta de nossas praias; da costa do Maranhão à foz do rio Doce, no norte do Espírito Santo, já adentrando pelo litoral sudeste do país.

Rio Doce, o rio duplamente assassinado. Primeiro com lama da ganância das mineradoras. Agora com o óleo que vem do mar. Óleo que encarde praias, que mata peixes, tartarugas e mariscos. Óleo que impregna arrecifes e manguezais.

Será que não basta para darmos um basta?

Que tormentas mais estamos a esperar?

Novos rios mortos?

Novas barragens a interromper a vida?

Mais água encardida despejada pelas chuvas?

Mais fuligem a adentrar em nossas narinas?

Mais cólera, asma, bronquite e febre amarela?

E quando os rios secarem e os mares virarem deserto? E quando o ar arder ao entrar por nossas narinas? O que diremos aos nossos netos?

O que os nossos netos dirão sobre nós?

Nossa feminina Economia de Clara e Francisco tem como ponto de partida a produção de energias limpas, renováveis e distribuídas. A energia do sol, a energia dos ventos, e todas as energias boas que se pode descobrir a partir da ciência de boa ética. Queremos praticar o nosso *Teko Porã*, o “modo bom de viver na Casa” dos povos Guarani, nossos irmãos, que tanto tem a nos ensinar no cuidado de nossa morada e nossa mãe, a Mãe Terra, nossa dádiva.

Mas não basta apenas produzir energia limpa e renovável, há que produzir de nova forma, descentralizada, distribuindo conhecimento e permitindo que todos acessem aos avanços tecnológicos. Placas solares ou cataventos produzidos nas comunidades, pelas comunidades, iluminando e aquecendo casas, ruas, escolas e parques. A produção na escala da vida, produzida com justiça e equilíbrio. A lógica é a mesma para a produção de alimento saudáveis, sem veneno, colhidos pela agricultura familiar ou em hortas urbanas. Ou a atividade industrial descentralizada e ecológica, sem resíduos, em cadeias curtas, aproximando produção de consumo.

Essas formas colaborativas de produzir nos remetem a novas formas de economia. Economias no plural. A circular, a do cuidado, a camponesa, a familiar, a das mulheres, a da festa comunitária, a economia da comunhão. As economias digitais, do trabalho e dos conhecimentos livres. Economias solidárias e populares, criativas, colaborativas. Assim entendemos que tem que ser a base para a Economia de Clara e Francisco.

Do coletivo, do comum. Daquilo que é de todos e que tem que ser repartido entre todos. Na Economia de Francisco não há lugar para a ganância, nem para acumulação infinita. Nem para bilionários. Sim, um mundo sem bilionários e mega-fortunas; porque, para acumular bilhões (de dinheiros) é necessário deixar outros bilhões (de vidas) sem nada. Quem for bilionário neste momento já poderia começar a repartir, por iniciativa própria, por consciência.

Economia de Clara e Francisco pressupõe defender imposto sobre Grandes Fortunas, artigos de luxo e supérfluos. Os Estados deveriam começar cobrando quatro centavos a cada real que superarem riquezas absurdamente altas, em que o dinheiro, de tanto, é indiferente para a qualidade de vida de uma família, por mais luxos que deseje ter. Cinquenta milhões de reais seria um patamar mínimo razoável para começar a

cobrança do Imposto sobre Grandes Fortunas. Cobra-se tanto dos que tem tão pouco, daqueles que perderam tudo; quatro por cento sobre fortunas excessivas é até bem pouco para quem tem tanto. Mas que permitirá um significativo aporte de recursos para uma vida mais humana. E taxaço sobre lucros e dividendos, sobre o capital improdutivo, sobre o fluxo internacional das movimentações financeiras e paraísos fiscais. Uma taxa sobre os trilhões de ganâncias.

Pensar novas formas de tributação, pensar em um mundo menos desigual é Economia de Francisco e Clara. Por isso compreendemos que é necessário ir da microeconomia à macroeconomia. Isso implica fortalecimento dos Estados e estruturas comunitárias, colaborativas, confederativas e multilaterais para a elaboração e aplicação de políticas públicas. Políticas públicas de qualidade, inventivas, universais. Todas as pessoas merecem, estejam em que canto do mundo for. A boa educação, a boa morada, a saúde integral, o tempo para o lazer, a cultura, o esporte, o direito à comunicação honesta, verdadeira e respeitosa. A livre circulação e mobilidade, o ar limpo, a boa água. O direito à dignidade, enfim. Dos humanos e dos nossos irmãos animais. As florestas também tem esse direito à dignidade, assim como as flores e todas plantas. E esse ambiente digno só poderá ser conquistado com democracia real.

Do Brasil, reafirmamos a importância e necessidade de consolidação de propostas e experiências iniciadas por aqui, como o Orçamento Participativo e a Renda Básica da Cidadania, primeiro como Bolsa Família, mas que precisa avançar como Renda Universal. Também a educação dos jovens para a Ação Comunitária e Cidadã, com Agentes Jovens da Comunidade, algo que ainda não teve escala necessária, mas que já foi experimentado com bons resultados, como um aprendizado-serviço junto a organizações comunitárias. Há tantas, centenas de milhares de boas organizações comunitárias no Brasil; no mundo, milhões. Vamos valoriza-las transformando-as em potentes espaços de acolhida, aprendizado e experimentação para os jovens da Economia de Francisco.

A Economia de Francisco começa fazendo o necessário; depois, o que é possível; até que, de repente, estaremos fazendo o impossível. Esse é o principal ensinamento de São Francisco de Assis: fazer o impossível a partir das coisas simples.

Partimos das ações simples, do real, de experiências bem sucedidas, idealizadas e construídas no seio das comunidades brasileiras, de norte a sul do país, de

leste a oeste, das montanhas às florestas, das favelas aos pequenos municípios, do litoral ao sertão, das grandes cidades às pequenas vilas e aldeias.

Em meio à escassez brotam as saídas e nasce a esperança.

As moedas sociais, incentivando que as comunidades apliquem seus recursos nos negócios gerados na própria comunidade. Os bancos comunitários, a fiança solidária, potencializando pequenos empreendimentos na base da confiança, as compras coletivas. A experiência com a instalação de um milhão de cisternas no semiárido, melhorando a qualidade de vida das famílias em convívio com a seca. A agricultura familiar e camponesa, agroecológica, as agroflorestas. As cooperativas de produção, o cotrabalho, a revalorização dos ofícios e saberes tradicionais, atualizados nas formas contemporâneas possibilitadas pela cultura digital. Os Pontos de Cultura, os coletivos de artistas, de jovens, de mulheres, de negras e negros, dos lgbt. A cultura quilombola, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais. A troca entre gerações. O ensaio de novos modelos de política e autogestão.

Queremos que esses saberes e experiências, nascidos nas franjas, nas bordas do sistema hegemônico, deixem de ser considerados ações periféricas e passem para o centro do debate sobre economia e desenvolvimento. Joseph Stiglitz, no lançamento do chamado para o Congresso Economia de Francisco, em Assis, Itália, aponta que “*o problema de certas formas de economia de mercado é que não colocam os mercados a serviço dos povos, mas, ao contrário, os povos a serviço dos mercados, e exacerbam o comportamento individualista*”. Essa ideologia de mercado, agravada pelo neoliberalismo, está levando a humanidade ao suicídio.

A caminho de Assis, entendemos que o maior sentido de nossa ação será “*realmar a economia*”, conforme palavras do papa Francisco. Queremos pensar e praticar a economia desde o Comum, desde a cotidianidade da vida.

Uma “*economia com alma*”, comunga as pessoas com todos os seres vivos na Terra, nossa Mãe. Medo, frustração e sofrimento, é o que uma economia *sem alma*, a economia consumista, tem imposto ao nosso tempo. Individualismo, consumismo, desprezo ao próximo, egoísmo, vulgaridade e superficialidade levarão o mundo à ruína e destruição. Timóteo, entre os primitivos cristãos, já apontava: “*o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males*”.

O modelo econômico capitalista e produtivista, tal qual se apresenta em nossos tempos, se contrapõe ao cuidado da Casa Comum. As dimensões de nossa Casa são conhecidas e os recursos esgotáveis. É ilógico e incompatível a prevalência de um modelo econômico que prega a acumulação sem limites e a exploração infinita. É inaceitável um modelo econômico que pretende transformar a última gota de água limpa em líquido pútrido, transfazendo o humano em coisa.

No caminho, nos somamos por Pacto Educativo. Compreendemos que é *“fundamental trabalhar a partir da educação em sistemas alternativos que não tenham como premissa a ideia de idolatrar o dinheiro. Temos que buscar desenvolver programas e estudos em torno do conceito da economia circular, que contribuam para uma educação consciente da sustentabilidade ambiental, que requer devolver ao meio ambiente o que lhe é retirado”* (Joseph Stiglitz). Afirmando nosso compromisso por uma Transformação Global, em uma Ecologia Integral, que tem por base cinco palavras, iniciadas em português pela letra E:

Ética;

Economia;

Ecologia;

Educação;

Estética.

Nossa ideia para o surgimento de um novo modelo para o mundo leva em conta de que não mais será “um ou outro”, mas “um **E** outro”. Um mundo em que caibam outros mundos. Em que a beleza sensível seja uma constante em nossas ações, harmonizando formas e cores, por uma educação transformadora, ecológica, nos orientando a novos modos de obtenção e utilização dos recursos necessários ao bem comum. Esse fluxo, para nós será a síntese ética para a Economia de Francisco. Uma economia que deve ser realizada com beleza e alegria, com arte e cultura. Uma economia com justiça e felicidade para todas e todos.

Propugnamos por mudanças nos currículos dos cursos de economia, mas também pela mudança nos currículos de todos os cursos. Da educação infantil ao ensino superior, passando pela educação do trabalho. *Realmar* a Economia é alcançar uma educação integral para uma ecologia integral. É trocar os números frios do Produto

Interno Bruto para os indicadores quentes da Felicidade Interna Bruta. “*A alegria é a prova dos nove!*”, disse o poeta brasileiro Oswald de Andrade. A Economia de Francisco e Clara, para dar certo, precisará ter como principal indicador a alegria que ela irá proporcionar aos viventes desta abençoada província do universo.

Somos muitos, apenas ainda não nos conhecemos e não nos unimos da forma necessária. Não há mais tempo a perder. Seremos milhões pela Economia de Francisco.

Bela e radiante,

Louvada sejas, com todas as suas criaturas.

A Economia do irmão Sol e da irmã Lua com as estrelas

Louvada sejas, pelo irmão vento, pelo ar ou nublado.

Serena, às tuas criaturas dará sustento.

Útil e humilde, saciará nossa sede.

Os frutos diversos, as coloridas flores e ervas,

Todos somos filhos de nossa mãe Terra.

Louvai e bendizei a meu Senhor,

E dai-lhe graças!

A Economia de Francisco, inspirada no Cântico das Criaturas, está chegando e nos unimos a ela!

São Paulo, 19 de novembro de 2019

Teatro de Arena (Tucarena) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Minuta da Carta e forma final redigidos por Célio Turino, com aportes e contribuições coletivas, preparatórias para o Primeiro Encontro da Economia de Francisco e Clara.